



PACIFICUS
I Jornada de Intrafísica

Alexandre Martins Balthazar, Caio Polizel e
Celso Lückmann*

*** Alexandre Martins Balthazar**

Arquiteto, Mestre em Urbanismo, Professor Universitário,
Pesquisador, Docente e Voluntário da ARACÉ.
alexandre@arace.com.br

Caio Polizel

Administrador, Pós-graduado em Recursos Humanos,
Professor Universitário. Pesquisador, Docente e Voluntário
da ARACÉ.
caio@teatica.com.br

Celso Lückmann

Engenheiro, Empresário, Pesquisador, Docente e Voluntário
da ARACÉ.
celso@arace.com.br

Palavras-chave

Desconstrução de realidades
Implantação de campus
Maxiproéxis grupal
Recin
Reurbex
Teática

Key-words

Campus implantation
Extraphysical reurbanization
Group Existential Maximatorium
Intraconscientual recycling
Reality de-constructions
Theorice

Palabras-clave

Desconstrucción de realidades
Implantación de *campus*
Maxiproéxis grupal
Recin
Reurbex
Teática

Desconstruções de Realidades e Construções Intrafísicas Assistenciais

Reality De-constructions and Assistantial Intrapysical
Constructions

Desconstrucciones de Realidades y Construcciones
Intrafísicas Asistenciales

Resumo:

O presente trabalho aborda aprendizados individuais e grupais de pesquisadores da Conscienciologia, resultado da implantação de dois *campi* conscienciocêntricos. Apresenta as fases pertinentes aos aprendizados (1995-2006) e destaca a importância das recins para a implantação do holopense assistencial no grupo de trabalho. Conclui que é esta implantação e consolidação holopensênica o fator decisivo para a concretização de edificações extrafísicas na dimensão intrafísica.

Abstract:

The present work approaches both individual and group apprenticeships made by Conscienciology researchers following the settlement of two conscienciocentric *campi*. It presents the phases corresponding to the apprenticeships (1995 – 2006) and stresses the importance of intraphysical recyclings for the installation of the assistantial holothosene into the group work. It concludes that this holothosenic installation and consolidation is the decisive factor for the concretization of extraphysical edifications in the intraphysical dimension.

Resumen:

Este trabajo trata de aprendizajes individuales y grupales de investigadores de la Conscienciología, resultado de la implantación de dos *campi* conscienciocéntricos. Presenta las etapas relativas a los aprendizajes (1995-2006) y pone en relieve la importancia de las recins para la configuración del holopense asistencial en el grupo de trabajo. Concluye que es esta configuración y consolidación holopensénica el factor decisivo para concretar edificaciones extrafísicas en la dimensión intrafísica.

INTRODUÇÃO

Histórico. Após a publicação do livro “700 Experimentos da Conscienciologia”, em 1994, membros de dois Grupos de Pesquisa em Conscienciologia do IIPC, o GPC-Socin (relacionado à Sociedade Intrafísica) e o GPC-Grinvex (relacionado à Inversão Existencial), reuniram-se em Curitiba, Paraná, em abril de 1995, com vários teóricos de escolas, empresas e condomínios conscienciológicos, e iniciaram os trabalhos de implantação do primeiro *campus* conscienciocêntrico no Planeta.

Tecnologia. O início do projeto de construção do *campus* do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia - CE-AEC, na cidade de Foz do Iguaçu, Estado do Paraná, Brasil, ocorreu a partir das pesquisas e vivências dos participantes desses GPCs (esta primeira fase abarca o período de 1995 a 2002). Posteriormente, em 2001, a tecnologia desenvolvida possibilitou a implantação de um segundo *campus* conscienciocêntrico, da Associação Internacional para a Evolução da Consciência – ARACÉ, em Domingos Martins, Espírito Santo, Brasil.

Objetivo. O objetivo desta conferência não é ensinar a fazer uma obra, nem discriminar os procedimentos e etapas de uma construção civil, mais especificamente, das edificações em um *campus* conscienciocêntrico. Este conhecimento já é amplamente dominado por empresas da construção civil nas socins, cujo materspense é a construção intrafísica em si. A abordagem nesta conferência será mostrar que a construção de um *campus* é consequência das interações grupais otimizadas, por sua vez, pela desconstrução de realidades anacrônicas das conscins e consciexes envolvidas no projeto.

Metodologia. Autopesquisa, auto-enfrentamento, desconstruções, inter-relações grupais e multidimensionais, recins, vivências individuais e grupais.

Maxiproéxis Grupal. Subjacente ao processo de implantação de um *campus* conscienciocêntrico existe um grupo de consciências afins, focadas no mesmo objetivo. No projeto arquitetônico, há dois focos fundamentais:

1. Construir as edificações propriamente ditas, para serem utilizadas assistencialmente pela comunidade conscienciológica presente e futura.
2. Promover a interassistência entre os membros participantes do projeto em desenvolvimento, permitindo, na prática, a realização de maxiproéxis grupal. A aprendizagem obtida durante as vivências em grupo, inclusive as assistências (extra e intrafísicas), suplanta o resultado das construções, pois adquire consistência holopensênica pró-evolutiva, auxiliando assim a reurbanização extrafísica deste Planeta.

Porão. Os primeiros estágios da grupalidade conscienciológica, vivenciados na implantação dos dois *campi* supracitados e alicerçados nos megatrafores dos membros do grupo, implicaram inicialmente na manifestação dos porões conscienciais dos participantes, ainda mais fortemente acoplados aos bolsões holopensênicos afins. O foco assistencial da maxiproéxis grupal foi a causa hipotética da reurbex que acontecia naquela época.

Estruturação. Os bolsões, por sua vez, exerceram pressão holopensênica sobre os trabalhos na dimensão intrafísica. As vivências e inter-relações da equipe de voluntários (pioneiros ou desbravadores intrafísicos), estimuladas pela pressão holopensênica antagonônica ao projeto de concretização de cada *campus*, acabaram indiretamente estruturando, ao longo do tempo, técnicas de construção intrafísica. O fato foi possível ao serem priorizadas assistencialmente as recins individuais e grupais e as respectivas desconstruções de realidades contrárias à alavancagem evolutiva.

Técnicas. Na prática, a disponibilidade das consciências envolvidas nos dois projetos assistenciais propiciou a criação de princípios, técnicas e condições básicas para a estruturação dos *campi* conscienciocêntricos, ambos com características diversas. Uma das principais técnicas utilizadas nos dois projetos foi a *desconstrução* de realidades anacrônicas.

I. CONSTRUÇÃO E DESCONSTRUÇÃO

Definição. A *construção* é o ato ou efeito de construir algo, estruturando conjunto de atividades que, somadas, resultam em obra de edificação intrafísica.

Etimológica. O vocábulo *construção* vem do latim '*constructo, ônis*', 'ato ou efeito de construir', derivado do verbo latino *construere*, 'levantar, edificar, construir'. Sêneca (filósofo romano, cerca de 4 a.e.c. – 65 d.e.c.) registra '*constructio lapidum*', 'construção de pedras'.

Sinómia: 1. Empreendimento. 2. Instalação, implantação. 3. Construção civil. 4. Materialização de idéia, plasmagem intrafísica.

Antonímia: 1. Desconstrução; destruição; demolição; desmontagem. 2. Esfacelamento; aniquilamento; anulação;

arrasamento; arruinamento; devastação. 3. Deprecimento; derrubamento. 4. Desmaterialização de idéia.

Desconstrução. Filosoficamente, o conceito foi elaborado por Jacques Derrida [filósofo francês, 1930-2004], significando uma crítica a pressupostos de conceitos filosóficos.

“A noção de desconstrução surge pela primeira vez na introdução à tradução de 1962 da “Origem da Geometria”, de E. Husserl [filósofo alemão, 1849-1938]. A desconstrução não significa destruição, mas sim, desmontagem, decomposição dos elementos da escrita. A desconstrução serve nomeadamente para descobrir partes do texto que estão dissimuladas e que interditam certas condutas. Esta metodologia de análise centra-se apenas nos textos.” (Wikipédia, <http://pt.wikipedia.org/wiki/Desconstrução>)

“A Filosofia constituiu-se como ‘epistema’ e para tal necessitou reger-se por um quadro de oposições conceptuais que demarca o filosófico do não-filosófico por meio de efeitos especiais de tradução. É nessa zona limite, onde tem lugar a prática da ‘de-construção’, como exame do modo de constituição da Filosofia, no modo como está construída.” (LOGOS, 1989, p.1130)

Contexto. Mediante a Recexologia, as recins praticadas pelos integrantes da equipe de construção dos *campi* CEAEC e ARACÊ desconstruíram conteúdos dos porões conscienciais, ocorrências viabilizadas pela disposição e determinação pessoal de realizar as obras de implantação dos centros de pesquisas.

Didática. Didaticamente podemos citar, ao modo de analogia, o fato de o projetor semi-lúcido continuar visitando sua moradia natal, mesmo muito tempo depois de ter-se mudado dali, já adulto. Muitas vezes, a residência já foi demolida, havendo no local outras edificações. Isto ocorre porque aquele conteúdo vivencial continua presente intraconsciencialmente.

Hipótese. Pode-se cogitar que a verdadeira construção da ofix desse projetor passaria pela desconstrução daquela realidade pretérita, na qual o projetor encontra-se de algum modo fixado ou preso, o que viria a ocorrer após as recins necessárias. Não é difícil imaginar que poderiam ser encontrados, em sua atual residência, objetos relacionados ao passado, tornando aquela realidade ainda mais presente através da evocação permanente de consciências e energias. Se isto é mantido e retroalimentado pensenicamente, como poderia esse projetor pensar em algo novo, como renovação?

Questão. Atualmente, o principal questionamento feito de forma geral ao grupo de voluntários da ARACÊ é saber como foram e como são realizadas as construções intrafísicas, ou seja, como foi possível concretizar as edificações dos dois *campi* conscienciocêntricos.

Resposta. Admite-se que o fator determinante para a realização das construções intrafísicas é a *desconstrução* de realidades anacrônicas. O processo de construção e implantação dos centros de pesquisas, CEAEC e ARACÊ, o modo como foram plasmados, passa pela desconstrução de determinadas realidades de cada integrante do grupo que se propôs a construir os dois *campi*. Para o desencadeamento do projeto, mesmo enquanto na esfera teórica de planejamento, houve uma série de desconstruções de realidades convencionais individuais dos que chegaram disponíveis para o trabalho.

A MAIORIA DAS PESSOAS BUSCA SABER COMO SE CONSTRÓI CONVENCIONALMENTE UMA EDIFICAÇÃO, MAS POUCOS IMAGINAM COMO É CONSTRUIR MULTIDIMENSIONALMENTE UMA EDIFICAÇÃO NA DIMENSÃO INTRAFÍSICA.

Fatos. Embora a ênfase seja na importância das desconstruções intraconscienciais para o êxito das construções intrafísicas assistenciais, vale ressaltar as pontuações – resultados do trabalho da equipe ao longo destes 11 anos.

	Construções no CEAEC 1995 - 2002	Construções na ARACÊ 2001 - 2006
Área construída	6 447 m ²	1 324 m ²
Edificações	28	30 (29 alvenaria mais 1 madeira)
Período de tempo	7 anos	5 anos

Linha do tempo. A compreensão e a visão de conjunto do processo foram desenvolvidas a partir da linha do tempo das construções nos dois *campi*, demonstrando o percurso e os principais momentos vivenciados. O foco dessa linha do tempo para o grupo foi, ao longo dos anos, mostrar as mudanças externas (meio ambiente intrafísico), a partir de fotos e imagens, em contraposição às mudanças internas e conscienciais, vivenciadas pelo grupo nas inter-relações, fundamentais para a sustentabilidade das obras e suas concretizações.

O PIB DE UM CAMPUS PODE SER CONSIDERADO INDICADOR DE RECINS E DE DESCONSTRUÇÕES GRUPAIS REALIZADAS PELO SEU GRUPO-BASE.

Recins. As reciclagens pessoais e grupais foram essenciais para o resultado da obra, porém, o ganho maior foi o crescimento intraconsciencial individual e grupal extraído das vivências e das inter-relações. Um dos fatos marcantes do processo foi vivenciar o contrafluxo da pressão holopensênica, pelo desafio de realizar obra em contexto não-convenicional e de interação multidimensional direta e constante.

Realidades. O relevante é o que foi desconstruído (recins) pelo grupo para que as construções físicas acontecessem. Observou-se nesse contexto um processo em cadeia onde cada um dos elementos (conscins) importava. Na prática, a construção somente avançava quando o grupo conseguia desconstruir suas realidades anacrônicas (posturas, padrões pensênicos ectópicos, desatualizados, dificultadores da evolução consciencial) Assim, a construção de novas realidades foi conseqüência da desconstrução de realidades pré-existentes.

Porão consciencial. Foram matéria-prima das desconstruções dos participantes da equipe os conteúdos dos porões conscienciais individuais. A dinâmica multidimensional consistia em trazer à tona os tráfes a serem trabalhados, provocando crises e necessidade de auto-enfrentamento.

Bolsões. O somatório dos conteúdos dos porões conscienciais individuais configurava os bolsões holopensênicos a serem assistidos, expondo continuamente as fissuras, discordâncias, patopenses implícitos, *não-ditos*, alimentando os “campos cinzas” (campos patopensênicos) instalados.

Assistência. A técnica encontrada para diminuir a pressão holopensênica foi prestar assistência (intra e extrafísica), através, principalmente do ato de “bançar” ou assumir as escolhas pessoais realizadas e pelo exemplarismo demonstrado às conscins e consciexes.

II. PRINCÍPIOS BÁSICOS GERADORES DE DESCONSTRUÇÃO DE REALIDADES ANACRÔNICAS

I. Princípio da não-competição

Em 1995, a escolha do grupo de voluntários do CEAEC de não competir com o Instituto Internacional de Projeociologia e Conscienciologia – IIPC, na realização de cursos e atividades pedagógicas afins, facilitou o acesso a idéias originais. Através desta postura administrativa, abriu-se espaço para criação de outros meios – cursos de dois anos – e modos de subsistir para a nova instituição, na época, uma cooperativa. Isso favoreceu a criatividade e a descoberta de caminhos para a elaboração de cursos, principalmente quanto à elaboração de modelos e conteúdos diferentes, a fim de não concorrerem com os cursos já existentes no IIPC.

Desconstrução. Seria muito fácil para a equipe recém-chegada a Foz do Iguaçu ministrar a espiral curricular do IIPC – uma vez que vários voluntários eram professores do IIPC – e destinar os recursos para o projeto CEAEC. Esta realidade da época teve de ser desconstruída, e isso gerou crises, inclusive de identidade, em alguns membros do grupo.

CONSTRUIR É FÁCIL, O DIFÍCIL É DESCONSTRUIR.

Solução. Se um grupo quer construir algo relevante e há consenso entre todos os integrantes sobre o objeto da construção, então a idéia é auto-superação criativa para evitar competição com outras instituições do mesmo padrão.

Originalidade. Para não competir, exigia-se do grupo originalidade nas ações e propostas, desencadeando o acesso à heurística e criação de neossinapses. Na época, ficou claro para o grupo que não era a melhor opção acontecer a *autofagia* da esboçante e futura CCCI (Comunidade Conscienciocêntrica Cosmoética Internacional) composta por 2 células ou instituições conscienciocêntricas: O IIPC e o CEAEC.

Heurística. A necessidade de utilização da heurística (criatividade) baseou-se no princípio de não-competição entre as duas ICs, ofertando cursos não-similares aos existentes no IIPC, o que prejudicaria suas receitas e os alunos dos cursos de ambas as instituições.

Fato. A situação exigiu da equipe do CEAEC “inventar a descoberta”: o IIPC gerou o grupo de colaboradores que criou o CEAEC e este não rivalizava com o IIPC.

Cursos. A geração de renda advinda dos cursos do pesquisador e professor Waldo Vieira era direcionada para o IIPC. Com a fundação do CEAEC, pelo princípio da não-competição, elaborou-se cursos novos, cuja receita era revertida para o próprio CEAEC: isto ajudou a criar a identidade da nova IC e de seu *campus*. Dentro deste contexto, onde duas instituições conscienciocêntricas coexistiam, usando base diferenciada de arrecadação de receitas, surgiu, por exemplo, o modelo do curso ECP3, em 1997, cuja renda foi direcionada para o CEAEC.

CAP. O Curso de Conscienciologia Aplicada - CAP foi criado a partir das vivências do grupo de pesquisadores pioneiros na construção do CEAEC. Na transição do modelo cooperativista para o associacionista, em 2002, na “passagem de bastão” de uma equipe administrativa para outra, a equipe empreendedora do *campus* sugeriu que o curso permanecesse na espiral curricular do CEAEC, em função de seu conteúdo ter surgido dentro daquele contexto. Contudo, na época, o professor Waldo Vieira orientou a equipe pioneira a manter o curso na grade de atividades da Associação ARACÊ, que estava sendo implantada.

Intercâmbio. Foi criado também o Programa de Viabilização de Projetos da Conscienciologia (PVPC), com o objetivo de firmar parcerias com outras ICs e levantar recursos para projetos interinstitucionais e/ou supra-institucionais, resultando em gescons institucionais.

Exemplo. Em 2003, no Rio de Janeiro, a parceria firmada entre a ARACÊ e o IIPC resultou em aulas ministradas por docentes da ARACÊ no próprio IIPC, na antiga Sede Mundial, na cidade do Rio de Janeiro, destinando-se os recursos obtidos a obras de edificação e/ou à publicação de tratados científicos da Conscienciologia.

2. Princípio das viagens auto-sustentadas

O corpo docente e de voluntários do CEAEC (1995-2002) e, posteriormente da ARACÊ (a partir de 2001), adotou método diferenciado de itinerância quanto ao pagamento dos custos e despesas de deslocamento, hotel e alimentação, oriundos de viagens para ministrar cursos. A idéia básica consiste na escolha pessoal de cada voluntário em ser docente e assumir essa responsabilidade assistencial sob vários aspectos, inclusive o financeiro.

Escolha. A partir dessa escolha, ocorre a integração desse docente em alguma equipe de voluntários atuante ou em formação, e as viagens aos locais dos cursos, incluindo transporte, hospedagem e alimentação, são custeadas pelo próprio voluntário/docente e não são desembolsadas pela instituição onde voluntaria.

Conscienciologia Organizacional (COR). Essa nova abordagem gerou a necessidade de aprender e ensinar sobre a organização financeira pessoal, pois a reserva financeira - *buffer* - tornou-se fundamental para garantir a presença docente nas cidades onde a ARACÊ ministrava cursos. Esse foi um dos motivos, aliado às pesquisas na área da Conscienciocentrologia, que levou ao desenvolvimento de curso específico para a gestão de recursos intrafísicos, principalmente os financeiros, o Gestão de Recursos Intrafísicos (GRI).

Casística. Em 2002, estava em andamento uma turma do curso CAP (Conscienciologia Aplicada) na cidade de São Paulo e houve uma reconfiguração da equipe docente exigindo dos demais pesquisadores um posicionamento a respeito das vagas abertas de docentes.

Candidato. Havia um candidato para assumir a turma, porém não possuía respaldo financeiro, no momento da

escolha, para bancar a responsabilidade da itinerância. O grupo decidiu, coerentemente aos seus princípios, não pagar as despesas de viagens para aquele professor, que, por sua vez, optou por responsabilizar-se pelas aulas e viagens.

Paradoxo. Após essa escolha íntima, de modo determinado, mas paradoxal, houve reconfiguração dos fatos, “surgingo” recursos financeiros suficientes para custear suas despesas de viagens pelo período de tempo necessário.

Padrão. Durante os cinco anos de existência da ARACÊ ocorreram outros casos de docentes que tiveram que “bancaram” a escolha (*dar o salto no escuro*), mesmo em condição adversa e aparentemente “impossível”, para, em seguida, ocorrer a reconfiguração do cenário, nos aspectos financeiro e profissional, entre outros, tornando-se o mesmo favorável ao docente e cancelando a correção de sua escolha anterior.

NINGUÉM DEIXA DE ITINERAR PORQUE NÃO TEM DINHEIRO E SIM PORQUE NÃO FEZ ESCOLHAS.

Descrença. Embora tudo o que esteja sendo apresentado seja embasado nas experiências práticas de um grupo de voluntários e docentes, ainda é uma teoria aos que não vivenciaram tal experiência ou algo parecido. A você leitor, cabe o desafio de experimentar as escolhas pessoais em favor de sua próxis.

3. Princípio da heurística

Sob o ponto de vista convencional e intrafísico, a partir de uma realidade existente é possível construir-se algo. Por outro lado, o acesso às idéias originais exige a desconstrução de realidade pré-existente anacrônica. Do contrário, as idéias pré-concebidas intoxicam a consciência e impedem a heurística. É necessário movimento intraconsciencial para a reciclagem do que já existe, a fim de abrir-se espaço para a construção do novo. Daí a necessidade de recins sistemáticas.

Novo. A origem do novo está no vazio deixado pela desconstrução de realidades. Em outras palavras, quando se desconstrói, nasce o vazio e este cria a necessidade do novo.

NA DESCONSTRUÇÃO NÃO HÁ BARGANHA COM AMPARADORES, VOCÊ “DÁ SALTO NO ESCURO”, TEM QUE “CORTAR A CORDA”.

Flexibilidade. No processo de construção do *campus* CEAEC, as mudanças ocorriam de modo sistemático e constante, exigindo cada vez mais flexibilidade. Criar sinapses novas para desconstruir realidades e, depois, com muito esforço e persistência, obter uma recin relacionada.

Frutos. Embora de difícil aprendizado, a técnica da desconstrução frutificou. Houve o aprendizado grupal suficiente dos movimentos e dinâmicas multidimensionais, e o resultado foi acerto maior na identificação de pontos de travamento, meios e técnicas para o desenvolvimento e agilização de projetos e ações assistenciais.

Original. O novo surge ao nos despirmos de nossa própria realidade. Abrir mão de apegos e falsas “seguranças” internas para alcançar a idéia original ainda causa sofrimento desnecessário à consciência.

Desconstrução máxima. A maior desconstrução enfrentada pelo grupo em questão, no período de 1995 a 2006, está relacionada à da administração do próprio CEAEC. Esta *escola multidimensional* foi transferida para novo grupo gestor em 2002. Naturalmente, esta desconstrução levou o grupo a inúmeras recins e continua levando, até o dia de hoje.

Campus. A conclusão a que o grupo de voluntários da ARACÊ chegou é de que essa foi a primeira desconstrução necessária para a construção do *campus* ARACÊ. Assim surgiu o novo, o Laboratório Radical da Heurística - *Serenarium*, o *Plenarium* (*plenárias*), a Vila Eliótis, e a espiral curricular em Conscienciologia Aplicada, composta de 8 cursos.

SOMOS CAPAZES DE FAZER O NOVO, DE NOVO?

Exercício. Na prática cotidiana multidimensional, os contextos mudam rapidamente, segundo as escolhas e posicionamentos dos integrantes do grupo e a interação multidimensional. Diversas vezes o grupo tomou decisões relativas a projetos e, logo em seguida, em decorrência de novos indicadores, aquela decisão era modificada. A impermanência tornou-se uma constante no processo grupal. Isso exigiu esforço pessoal constante para se vivenciar com maior equilíbrio as crises de crescimento e respectivas recins.

4. Princípio do equilíbrio entre Vida Convencional e Proéxis

Escolhas. Os voluntários, co-fundadores do CEAEC, em sua maioria, desconstruíram suas próprias vidas convencionais, em profundidade, para dar a sustentabilidade necessária à edificação do *campus*. Mudaram-se para Foz do Iguaçu, sem parâmetros anteriores para aquele tipo de experiência, com novos locais para moradia, e desenvolveram novos rumos profissionais para a sobrevivência.

Diferencial. Evidenciou-se o diferencial sobre o entendimento quanto ao binômio *vida convencional-proéxis*. As vivências em grupo e a crescente necessidade de construção do CEAEC provocaram nos voluntários o sentimento de inadaptação quanto aos valores pessoais antigos e convencionais, amplamente aceitos pela socin, a exemplo de casamentos, empregos, aposentadorias.

Liberação. Naquela época, segundo abordagem ectópica e implícita de alguns voluntários-pesquisadores da Conscienciologia, somente depois de cumpridas todas as etapas da *vida convencional* a conscin estaria apta e liberada para realizar a *proéxis*.

VALORES	
Vida convencional	Proéxis
Ganhar dinheiro	Aumentar o capital consciencial; dinheiro é meio e não fim
Ter casa, bens, patrimônio	Permanecer por períodos prolongados em uma basecon
Casar e ter filhos	Compor dupla evolutiva e incrementar gestações conscienciais
Alcançar sucesso profissional	Focar a assistência multidimensional e pluriexistencial, com base na tares. O trabalho também é meio e não fim
Obter <i>status</i> e poder	Aprimorar as relações inter-pessoais; grupalidade
Abnegação	Investimento, convicção pessoal

Crise. Surgiu a necessidade urgente de rever-se conceitos e valores pessoais sobre a vida convencional pautada pelas socins, em contraponto aos caminhos para a realização da *proéxis* individual e grupal.

Valores. O item principal na desconstrução da vida pessoal refere-se à reconfiguração da escala de valores diante da socin e, principalmente, perante a *proéxis*. Desta forma, o que antes era um fim em si mesmo, passa a ser um meio para a *proéxis*.

QUAIS SÃO OS VALORES MAIS IMPORTANTES EM MINHA VIDA INTRAFÍSICA?

Proéxis. Uma das maiores dificuldades da conscin em manter-se na *proéxis* é ter o desprendimento necessário para abrir mão da “pseudo-segurança”. Equivale a dizer que não se quer abrir mão da vida convencional na socin.

UMA MAXIPROÉXIS RESULTA DE INÚMERAS DESCONSTRUÇÕES DE VIDAS CONVENCIONAIS QUE REPERCUTEM NA DESCONSTRUÇÃO GRUPAL.

Ganho. Um fato identificado ao longo dos anos tem sido o de que expressivo número dos voluntários-pesquisadores, que se engajaram na dinâmica multidimensional de implantação dos *campi* CEAEC e ARACÊ, ampliaram a sustentabilidade assistencial e suportabilidade das pressões holopensênicas estagnadoras.

Serenarium. Acentuadamente neste ano, 2006, voluntários têm decidido mudar de cidade, saindo, de várias partes do Brasil, para voluntariar e alojar-se em ambiente próprio no *campus* ARACÊ (Vila Eliótiis). O fato é que se esses voluntários não tivessem escolhido mudar, o *campus* ARACÊ não seria implantado e o Laboratório Radical da Heurística (LRH) – *Serenarium* não poderia ser aberto à CCCI. É preciso dar sustentabilidade à demanda assistencial que será gerada pelo mesmo.

Laboratórios. Pela análise dos fatos, vale ressaltar que, em 1999, o grande deslanche dos laboratórios do CEAEC ocorrido através da construção de seis unidades simultaneamente, não se deveu ao superávit financeiro da instituição na época, mas sim ao aumento de moradores (pesquisadores-residentes-tenepessistas) na base conscienciológica - basecon.

Assistência. Esse aumento de moradores da basecon era necessário para atender a demanda assistencial ocasionada pela paradiáspora das consciexes de alunos e voluntários em geral, que fariam os experimentos nos futuros laboratórios de autopesquisa consciencial.

Valores. Tais moradores tiveram de, inevitavelmente, desconstruir e reciclar muitos valores convencionais para vivenciar, intensamente, o dia-a-dia dos bastidores multidimensionais de um *campus* conscienciocêntrico. Pode-se considerar este um valor muito além dos valores sociais.

Abnegação. O conceito de abnegação existe quando o olhar é convencional, com foco na vida intrafísica, e, dentro deste contexto, é válido. A partir da abordagem com foco na proéxis, deixa de ser abnegação e passa a ser investimento, convicção pessoal.

Casística. A casística mostra que o investimento de tempo e energia na proéxis – às vezes até com dedicação exclusiva, quando é feito com convicção e amparo de função - resulta, *a posteriori*, em melhores resultados na socin, ampliando a sustentabilidade profissional.

Importância. Os valores sociais, essenciais ao melhor desempenho da proéxis - graduação e pós-graduação, poliglotismo, base física, dupla evolutiva, dentre outros, vêm a reboque da escolha lúcida. Os trabalhos assistenciais acima citados ainda contam com poucas conscins lúcidas, que compreendem tal importância.

Equilíbrio. O equilíbrio entre a vida convencional e a proéxis é único para cada consciência. Cabe a cada um discernir seu ritmo e sua disponibilidade, e é isso o que configura o padrão das escolhas conscienciais.

Voluntário. O fato, em relação a estas escolhas, é que o “carregar do piano” acaba ficando com os voluntários que fizeram esta escolha a maior em suas existências. Quando um voluntário ainda reclama ou lastima a sobrecarga, em geral não se encontra em equilíbrio, nem com o amparo de função necessário.

5. Princípio da flexibilidade

Dinâmica. Acessar dinâmica desconhecida, da qual não se tem visão de conjunto, e, ainda assim, tomar decisões e fazer escolhas acertadas, exige, entre outros fatores, flexibilidade consciencial. Desde 1995, observava-se os voluntários que possuíam mais flexibilidade nas interações grupais, passando esse comportamento a ser objeto de pesquisa.

Aprendizado. Em 1995, no início do desenvolvimento do exercício de flexibilidade individual e grupal, o nível

de resistência era alto e a velocidade de resposta, baixa. Em 2006, pode-se admitir que o nível de resistência encontra-se mais baixo e a velocidade de resposta mais alta, em termos individuais e grupais, quando relacionados ao período inicial. A hipótese para esta gradativa inversão é o aprendizado decorrente da aplicação prática das hipóteses e teorias da Conscienciologia no cotidiano dos pesquisadores interessados.

Dificuldade. Desconstruir realidades anacrônicas, constitui-se etapa de difícil desenvolvimento, mesmo já tendo conhecimento do princípio de desconstrução.

Idéias. Se a consciência se prende às idéias antigas, não surgem idéias novas. Ficar preso a idéias ultrapassadas impede a chegada do novo. As crises vivenciadas são exemplos claros da resistência em mudar e enxergar o novo. Porém, elas são necessárias no processo de crescimento e amadurecimento consciencial.

QUANDO VOCÊS MUDAM UM PEQUENO DETALHE DO PROJETO ARQUITETÔNICO, USANDO DE FLEXIBILIDADE, NOVAS CONSCIÊNCIAS CHEGAM PARA TRABALHAR (VIEIRA, 1998).

6. Princípio do Gerenciamento através de Indicadores Multidimensionais

Mudanças. As mudanças ocorriam constantemente durante a edificação do *campus* e cada vez se tornava mais necessária a flexibilidade. A dinâmica interativa com os membros do grupo, auxiliares contratados e diversos fornecedores de materiais de construção produzia cenário rico em detalhes e fatos. O exercício de observar e procurar entender o que aqueles fatos “queriam dizer” exigia o uso constante de flexibilidade, pois o pensamento, as ações e decisões não seguiam ordem linear pré-formatada e convencional.

Técnica. Neste contexto, alguns voluntários se prendiam à construção das edificações, enquanto outros começaram a perceber que as ações e posturas de cada um nas inter-relações em grupo interferiam no processo e na dinâmica da vida no *campus*. Com isso, desenvolveram a técnica de leitura dos indicadores, que exige maleabilidade e abertismo.

Interação multidimensional. Durante o período da primeira fase de implantação do CEAEC, observou-se várias vezes que enquanto havia apego a alguma realidade anterior, as ações não surtiam efeito e não se obtinham resultados do projeto de construção. O processo em si era paralisado extrafisicamente.

Desapego. A percepção grupal era de travamento. Porém, quando o grupo desconstruía a realidade anterior, desapegando-se do previsto no projeto ou reconfigurando algum contexto inter-relacional, os trabalhos retomavam seu ritmo e deslanchavam, por vezes dentro do previsto ou de modo diverso.

Mecanismo. Este mecanismo incessante desafiava o planejamento intrafísico, convencional, ao inserir variáveis de “controle” do projeto além da vontade dos gestores intrafísicos. Qualquer ação física de pessoas ou mesmo meteorológicas que impedisse o andamento dos projetos passou a ser indicador de algo a ser resolvido (reconfigurado) a respeito de alguma assistência a ser realizada naquele contexto.

Indicadores. Houve, para a equipe intrafísica, a compreensão de um dos modos de comunicação e participação efetiva, direta, da equipe extrafísica técnica de amparadores nos rumos do projeto.

Exemplo. Um dos fatos mais marcantes da interação multidimensional entre as equipes intrafísica e extrafísica, e um contraponto meteorológico, foi o fato de a Casa do Pesquisador – *Village*, ter sido construída em tempo recorde – 2 meses e 20 dias, no segundo semestre de 1997, durante uma temporada do fenômeno meteorológico *El Niño*, caracterizada por chuvas intensas que, em teoria, inviabilizariam qualquer construção intrafísica.

Paradigma. Sob o entendimento do paradigma consciencial, a Casa do Pesquisador foi a obra certa, realizada na hora certa, com os recursos certos, e com amparo de função. A chuva forte não foi impeditivo para uma construção assistencial intrafísica.

7. Princípio da interdependência da IC e seus alunos

Recursos. Um dos aspectos determinantes para a heurística na forma de arrecadar recursos para os projetos do CEAEC e da ARACÊ foi evitar que as contas básicas, os custos fixos das ICs, fossem cobertos com os recursos advindos dos alunos.

Fato. Se hoje (2006), por alguma razão, os alunos deixarem de freqüentar os cursos da ARACÊ, nenhuma dívida existirá em função disso.

Sócios. O que se pretende, com esta forma de trabalho, é que o sócio da IC, voluntário lúcido de suas obrigações para com a maxiproéxis grupal, arque com as despesas de manutenção do *campus*, ou participe de projetos que atinjam este objetivo. A IC não se torna dependente de alunos para sua subsistência.

Olhar. Este princípio permitiu o desenvolvimento do olhar assistencial mais isento perante o aluno, na medida em que ele passa a ser o co-autor das construções, e esse é o objetivo do investimento de sua inscrição. Cada construção intrafísica assistencial será palco de resgates e assistências, e a assinatura pensênica daquele aluno ficará gravada na edificação.

Desconto. Sob este paradigma, como fica a gratuidade de inscrições? Na ARACÊ não há gratuidade de inscrições, pois, desta forma, tirar-se-ia a oportunidade evolutiva dos alunos de fazer parte do empreendimento. Não dar desconto no valor dos cursos é reforçar a capacidade de realização do(s) aluno(s).

Enfoque. A tares acontece quando tiramos o enfoque do “ajudar o aluno” para o enfoque no investimento conjunto na maxiproéxis grupal.

Fato. A desconstrução do aluno enquanto fonte de recursos fez surgir modos inovadores para a captação de recursos, com conseqüente aumento do “PIB” da IC. O fato é que o CEAEC só foi construído em tempo recorde (1995-2002) devido à aplicação deste princípio.

CONCLUSÃO

Tabela. Segue-se abaixo tabela-síntese elaborada a partir dos 8 princípios referendados pelos membros do grupo construtor dos *campi* CEAEC e ARACÊ, com base em suas vivências:

	Princípio Existente	Desconstrução de realidades	Conseqüências
1	Princípio da não-competição	Cursos: programação sem os cursos do IIPC	Novos cursos
2	Viagens auto-sustentadas	Idéia: IC bancar a proéxis individual e/ou grupal.	Surgimento de técnicas para a gestão financeira pessoal e institucional
3	Princípio da Heurística	Realidades Convencionais	Novas Gescons
4	Princípio do Equilíbrio entre vida e proéxis	Vida convencional alicerçada em valores convencionais	Vida multidimensional assistida, com base firme e auto-sustentada
5	Princípio da flexibilidade	Rigidez pensênica, inflexibilidade	Sintonia com o amparo de função
6	Gerenciar através de indicadores multidimensionais	Planejamentos e projetos convencionais	Projetos respaldados pela equipe extrafísica de amparadores e evolucionólogos
7	Interdependência entre a IC e seus alunos	Aluno enquanto fonte de recursos	Idéias originais e aumento do PIB da IC e do <i>campus</i>

Princípios. Vários princípios foram criados durante a implantação do *campus* CEAEC, porém, foram destacados aqueles que efetivamente resultaram em construções.

Experiência. Não existem apenas estes princípios. Seguindo o princípio básico da descrença, recomenda-se que cada um tenha suas experiências pessoais no movimento das próprias desconstruções de realidades anacrônicas, crises de crescimento e conseqüentes recins.

Resultados. Cursos, *campi* e Capital Consciencial. Essas foram as principais construções entre 1995 e 2006.

Abertismo. Não limitar os princípios da sua realidade, nem limitar a realidade a seus princípios pessoais. Em outras palavras, ao estabelecer-se um princípio, está implícita a necessidade de desconstrução de realidade pré-existente enquanto meio e não fim.

Ampliação. A adoção de um princípio renovador até às últimas conseqüências propicia o surgimento de novos princípios renovadores.

**O QUE IMPORTA, DE FATO, NÃO SÃO AS CONSTRUÇÕES
INTRAFÍSICAS, MAS O HOLOPENSENE INSTALADO
NAS EDIFICAÇÕES QUE PERMITE ÀS CONSCIÊNCIAS
CHEGAREM PARA REALIZAR TRABALHOS
RELEVANTES ÀS SUAS PROÉXIS.**

REFERÊNCIAS

01. Balthazar, Alexandre; *Moradias Conscienciais: Quebra de Paradigmas*; Conscientia; vol.2; n.1; jan/mar 1998; Centro de Altos Estudos da Consciência (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR; p. 21.
02. Camargo, Antonia; *Basecon do CEAEC: Quebra de paradigmas nas Inter-Relações*; Conscientia; vol. 4; n.1; jan./mar 2000; Associação Internacional para a Evolução da Consciência (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR; p. 41.
03. Conselho Editorial. *Revista CEAEC Newsletter*; Pontoações do CEAEC; vol 2; n.1; Centro de Altos Estudos da Consciência (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR; 2000; p. 16.
04. Conselho Editorial; in. Conscientia, *Conscienciologia Aplicada*; vol.3; n.3; jul/set.; Associação Internacional para a Evolução da Consciência – ARACÊ; Venda Nova do Imigrante, ES; 1999; p. 105.
05. Derrida, Jaques; *L'écriture et la différence*; Editions du Seuil; Paris, France; 1967; 439 p.
06. Editores; *Guia Iguassu – Um Destino Para o Mundo*; nº 1, Instituto Pólo Internacional Iguassu; Editora Teática; Foz do Iguaçu, PR; 2001.
07. Logos: *Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*; Verbo, Lisboa; v.1; São Paulo, SP; 1989; p. 1130.
08. Diversos autores; Enciclopédia Wikipédia; verbete *Desconstrução*; Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Desconstrução>>; acesso em 18/05/2006.
09. Vieira, Waldo; *200 Teáticas da Conscienciologia*; 260 pp.; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC); Rio de Janeiro, RJ; 1997.
10. Vieira, Waldo; *Homo sapiens reurbanisatus*; 1.584 p.; 479 caps.; 139 abrevs.; 40 ilus.; 7 índices; 102 sinopses; glos. 241 termos; 7.653 refs.; alf.; geo.; ono.; 27 x 21 x 7 cm; enc.; Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR; 2003.
11. Vieira, Waldo; *700 Experimentos da Conscienciologia*; 1 058 pp.; 700 caps.; Instituto Internacional de Projeciologia (IIPC); Rio de Janeiro, RJ; 1994.
12. Vieira, Waldo; *Temas da Conscienciologia*; 232 pp.; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC); Rio de Janeiro, RJ; 1997.
13. Vieira, Waldo; *Balneário Bioenergético (Intrafisicologia)*; Conscientia; vol. 3; n. 4; out/dez 1999; p. 201.